

Falta economia de mercado

Rio — A cultura brasileira, na visão do economista Roberto Campos, é anacrônica com três aspectos obsoletos: tecnológico, cultural e institucional. A agenda da modernidade,—de acordo com ele, exige não apenas ajustes fiscais, mas uma profunda reforma cultural. O Brasil, afirmou Roberto Campos, está longe de praticar o capitalismo democrático, redescobriu a democracia política, mas não a economia de mercado.

A suspensão unilateral do pagamento da dívida externa foi classificada pelo economista como "exemplo clássico de subdesenvolvimento mental". Ele raciocina que, se fizermos isto, perdemos os financiamentos de longo prazo concedidos pelos organismos multilaterais. Se suspendermos o pagamento aos bancos comerciais, a economia será de 6 bilhões de dólares em compensação, calculou ele, a perda dos créditos de curto prazo será de dez a 11 bilhões de dólares.

Roberto Campos entende que o FMI é o bode expiatório "permanente no Brasil, como a Light, o polvo canadense", também já foi, e os latifúndios improdutivos e a dívida externa são os atuais. O verdadeiro responsável pelos desequilíbrios da economia, na opinião dele, é o Estado, que desperdiça os recursos das estatais.

As saídas pensadas para o

Brasil, por Roberto Campos, são as seguintes: desinflação através de medidas de política monetária e fiscal; desregulamentação que ative a oferta, através da liberação (dos empresários) do controle de preços, salários e comércio exterior; privatização para reduzir o tamanho do Estado, gerando mais receita e mais eficiência.

O economista Roberto Campos defende a simplificação do regime fiscal, de maneira a aumentar o universo de arrecadação para que as alíquotas possam ser reduzidas e também a integração do Brasil ao sistema financeiro internacional. Ele acredita que haverá um buraco negro entre as eleições e a posse do novo presidente e disse que, uma vez que temos uma hiperinflação indexada, a transição dependerá do funcionamento desta indexação.

O empresário Sérgio Quintellas também avaliou que o País vive uma modernidade incompleta. Para justificar seu ponto de vista citou vários indicadores sociais, como o nível de renda e escolaridade da população. No setor público, Quintella identifica a convivência de estatais competitivas com outras pré-modernas e, no setor privado, o atraso vem a reboque de segmentos, que operam de forma reflexa com o lado atrasado do Estado, absorvendo privilégios, com direito à reserva de mercado, e formando cartéis.